



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UEG: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Área temática: Educação

Luciano Feliciano de Lima¹; Maria Antônia Ramos de Azevedo²; Marcos Vinícius dos Santos Amorim³

¹ Pós-doutorando pela Universidade Estadual Paulista (IB - Unesp Câmpus de Rio Claro); Universidade Estadual de Goiás (UEG Câmpus Goiás); Professor do Curso de Matemática;

² Universidade Estadual Paulista (IB - Unesp Câmpus de Rio Claro); Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação;

³ Universidade Estadual de Goiás (UEG); Graduando de Licenciatura em Matemática.

Resumo: Esta pesquisa buscou analisar em que medida os projetos extensionistas, envolvidos com a formação de professores, desenvolvidos na Universidade Estadual de Goiás (UEG), da área de Educação, realizadas em 2014 estão balizados nos elementos constitutivos da extensão universitária (interação dialógica; interdisciplinaridade; indissociabilidade; impacto na formação do estudante), de acordo com as diretrizes da Política Nacional de Extensão (PNExt) elaborada pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão Universitária das Universidades Públicas (FORPROEX). Foi realizada pesquisa qualitativa e interpretativa mediante análise de 94 projetos selecionados na plataforma Pégasus, sistema on-line para submissões de ações extensionistas da UEG. Como conclusões deste estudo pode-se apontar a necessidade urgente de refletir sobre o desenvolvimento de ações extensionistas na UEG e sobre suas potencialidades em relação à formação de professores. Fazer parte de práticas de extensão possibilita uma formação profissional com desenvolvimento humano e social uma vez que: promove uma interação dialógica e consequente aproximação com outros setores da sociedade; viabiliza experiências distintas da grade curricular, oportunizando a constituição de profissionais comprometidos com o desenvolvimento de uma sociedade menos desigual; por meio do compartilhamento de saberes acadêmicos de diferentes áreas e saberes considerados não acadêmicos; articula

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



ensino e pesquisa.

Palavras chave: extensão universitária; formação de professores; formação cidadã.

1. Introdução

A extensão pode ser um caminho para viabilizar uma educação, defendida por Freire (2006, 2011) em pedagogia da autonomia e do oprimido, como um ato dialógico que valoriza o conhecimento do outro sobre o assunto analisado, colocando-o em posição de sujeito do conhecimento, capaz de se apropriar de informações e produzir conhecimentos. Essa ação acadêmica contemplaria a recomendação de Tardif (2002) ao sugerir que os professores, desde sua formação inicial, precisam entrar em contato com situações concretas que demandam posicionamentos, ou improvisações, dificilmente desenvolvidas unicamente no ambiente da universidade.

A participação em uma ação extensionista pode viabilizar uma conscientização social permitindo aos envolvidos desenvolver atitudes com maior preocupação com pessoas menos favorecidas socioeconômica e/ou culturalmente, com a proteção aos animais, com o meio ambiente dentre outras, para além do foco exclusivo na formação para o mercado de trabalho. Nesse sentido, a prática da extensão universitária pode favorecer uma produção de conhecimento pluriversitário, compreendido por Sousa Santos (2011) como

um conhecimento transdisciplinar que, pela sua própria contextualização, obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimento, o que o torna internamente mais heterogêneo e mais adequado a ser produzido em sistemas abertos menos perenes e de organização menos rígida e hierárquica. [...] A sociedade deixa de ser um objeto das interpelações da ciência para ser ela própria sujeita de interpelações à ciência. (SOUSA SANTOS, 2011, p. 42).

Tendo em vista as potencialidades da extensão universitária, entendemos ser importante uma reflexão sobre o desenvolvimento dessa prática acadêmica, como possibilidade para a formação de professores. Para isto, nosso objetivo foi refletir sobre como os elementos constitutivos da extensão universitária (interação dialógica;

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



interdisciplinaridade; indissociabilidade; impacto na formação do estudante), de acordo com as diretrizes da Política Nacional de Extensão (PNEExt), se mostram nos projetos das ações desenvolvidas na Universidade Estadual de Goiás (UEG), da área de Educação, referentes à formação de professores, realizadas em 2014. Foram 94 trabalhos selecionados na plataforma Pégasus, sistema on-line para submissões de ações extensionistas da UEG.

A seguir, refletiremos sobre estes elementos, de acordo com a PNEExt. Para cada um deles inicialmente apresentamos um diálogo com literatura que aborda a temática, em seguida refletimos sobre os projetos analisados a partir da literatura estudada. Ao final trazemos nossas considerações sobre a extensão universitária na UEG como potencialidade para a formação de professores.

Interação dialógica

De acordo com a Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012) a diretriz ‘interação dialógica’ sugere uma relação entre universidade e outros setores da sociedade pautada no diálogo com compartilhamento de saberes. Ao ponderar sobre o conceito de extensão, Freire (2011) reflete sobre a palavra *extensão* entendendo-a como um mecanismo de domesticação do homem, porque ela poderia estar fortemente associada a uma forma de assistencialismo.

Em seu texto, educação como uma prática da liberdade, Freire (2011) considera que a ação assistencialista inviabilizaria um compartilhamento de responsabilidade, pois nela “não há decisão. Só há gestos que revelam passividade e ‘domesticação’ do homem. Gestos e atitudes. É esta falta de oportunidade para a decisão e para a responsabilidade participante do homem, característica do assistencialismo, que leva suas soluções a contradizer a vocação da pessoa em ser sujeito.” (FREIRE, 2011, p. 80)

A extensão, vista como uma ação de levar, de transferir, de entregar, de depositar algo em alguém, pretende substituir uma forma de conhecimento por outra. Com o intuito

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



de perceber como a interação dialógica ocorre nas ações extensionistas da UEG ora analisadas, buscamos, na leitura dos textos dos projetos, excertos que indicassem um estímulo à participação de atores não acadêmicos na reflexão e no desenvolvimento das práticas desenvolvidas. Mostrando caminhos para viabilizar o envolvimento nas ações. Contudo, a análise dos projetos evidenciou uma quantidade significativa de trabalhos que não abordam a interação dialógica entre universidade e outros setores da sociedade.

Percebemos que a interação dialógica não se mostrou valorizada na maioria dos projetos, ou seja, em 64% dos trabalhos analisados. Muitas ações se mostraram interessadas no treinamento de graduandos para repassar conteúdos acadêmicos escolhidos, geralmente, pelos professores universitários coordenadores dos projetos. Em ações extensionistas, é imprescindível considerar o outro

Como um ser da atividade que é capaz de refletir sobre si e sobre a própria atividade [...] Somente o homem é capaz de realizar esta operação de que resulta sua inserção crítica na realidade. “Ad-mirar” a realidade significa objetivá-la, prendê-la como campo de sua ação e reflexão. Significa penetrá-la, cada vez mais lucidamente, para descobrir as inter-relações verdadeiras dos fatos percebidos (FREIRE, 2011, p. 31).

Concordamos com Freire (2011) que o ser humano é capaz de analisar criticamente sua realidade e, por isso mesmo, não faz sentido uma ação universitária caminhar no sentido contrário. É necessário um reconhecimento de que somos seres em constante processo de aprendizagem, aprendendo uns com os outros em todo momento, entendendo o educar e se educar como um exercício realizado por quem compreende que pouco sabe e, por isto, entende que sabe algo e pode chegar a saber mais “em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando o seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais” (FREIRE, 2011, p. 25).

Como afirma Freire (2006) ser dialógico não tem a ver com invadir ou manipular, mas em empenhar-se para transformar constantemente a realidade. O diálogo implica em uma relação de horizontalidade, um lugar onde todos têm o direito a expressar suas ideias,

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



com respeito mútuo ao analisar criticamente o que foi dito pelo outro sobre o assunto em discussão. O respeito à opinião do outro, ouvindo-o atentamente, demanda humildade e implica, para a relação entre a universidade e outros setores da comunidade, em ultrapassar a transmissão de conhecimentos mirando na elaboração em conjunto de outros saberes, ou seja, o desenvolvimento de um conhecimento pluriversitário como defende Sousa Santos (2011).

Mirar neste tipo de relacionamento deveria ser o foco da extensão universitária. No caso da UEG, coordenadores de projetos que focam na transmissão de conhecimentos precisam se questionar sobre o papel desta ação acadêmica para a produção de conhecimentos. Como afirma Menezes (2010), “não basta assumir-se como produtor de conhecimento, como construtor da ciência, mas também, como criador de novos contextos que se enraízam em uma ética social que compartilha a vida de forma coletiva” (p. 4).

O diálogo entre comunidade, graduandos e professores visando refletir sobre um determinado objeto de estudo, viabiliza uma investigação e busca de solução para um problema, ou problemas, da vida real. As pessoas produzem conhecimento juntas, ele “não se estende daquele que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem, o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica dessas relações” (FREIRE, 2006, p.36). E é por meio de uma interação dialógica, com humildade e respeito pelo conhecimento do outro, que a extensão universitária pode abrir um caminho de aprendizado mútuo e uma reinvenção de saberes acadêmicos. Nesse sentido, outro elemento da extensão universitária, a interdisciplinaridade, é tratado a seguir.

Interdisciplinaridade

Neste item trataremos da interdisciplinaridade como um elemento fortalecedor da interação dialógica porque integra diferentes áreas do conhecimento. Entendemos que,

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

durante a formação inicial, o envolvimento de graduandos em projetos extensionistas interdisciplinares pode auxiliar em uma percepção prática da profissão a partir das contribuições metodológicas de áreas distintas. Neste sentido, entendemos com Fazenda (1993) que, para além de uma integração entre diferentes áreas com

confronto de métodos, teorias-modelo ou conceitos-chave das diferentes disciplinas, ao passo que, delimitando mais rigorosamente o conceito de interdisciplinaridade, conclui-se que esta seria um passo além dessa integração, ou seja, para que haja interdisciplinaridade deve haver “sintonia” e uma adesão recíproca, uma mudança de atitude frente a um fato a ser conhecido; enfim, o nível interdisciplinar exigiria uma “transformação” (p. 51).

Uma postura interdisciplinar implicaria em uma abertura para ouvir os saberes de outras áreas reconhecendo-os, refletindo sobre um problema a partir de perspectivas diferentes para a busca compartilhada por soluções. Em relação à formação de professores, o processo de fragmentação de conhecimentos, de acordo com Tavares e Freitas (2013), reflete-se no processo educativo. De acordo com a Política Nacional de Extensão (PNExt), a interdisciplinaridade pode combinar essa especialização do conhecimento com os saberes das comunidades, com os quais os agentes extensionistas dialogam, possibilitando outras perspectivas para as ações desenvolvidas. A “combinação de especialização e visão holística pode ser materializada pela interação de modelos, conceitos e metodologias oriundos de várias disciplinas e áreas do conhecimento, assim como pela construção de alianças intersetoriais, interorganizacionais e interprofissionais” (FORPROEX, 2012, p. 17). Com organização e estudo, de acordo com Fazenda (1993), a interdisciplinaridade se efetiva por meio de “coparticipação, reciprocidade, mutualidade” (p. 21).

Em relação à interdisciplinaridade identificamos que em quase três quartos dos projetos analisados não apareceram menções a um compartilhamento de saberes com outras áreas dentro ou fora da academia. Isto pode evidenciar uma valorização da fragmentação do conhecimento. Dizemos isto por entender o desenvolvimento de uma ação extensionista como possibilidade de interações para se discutir métodos, teorias ou

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



conceitos para compreender e buscar soluções à situação estudada. Segundo Moita e Andrade (2005), um diálogo interdisciplinar incorpora ao conhecimento científico saberes de graduandos e de professores universitários com os saberes específicos de outros setores da sociedade. Uma ação extensionista composta por pessoas de várias áreas potencializa, por exemplo, a superação de um pensamento ingênuo, propiciando

um permanente pensar crítico em torno da ação transformadora mesmo e dos resultados que dela se obtenham. Qualquer postura ingênua em face deste processo, da qual resultem que fazeres igualmente ingênuos, pode conduzir a erros e a equívocos funestos. Um desses equívocos, por exemplo, pode ser o de reduzir a ação transformadora a um ato mecânico (FREIRE, 1979b, p. 31).

Neste sentido a extensão universitária pode viabilizar questionamentos sobre métodos, conceitos, teorias dentre outros. Não há convicções impostas, o que ocorre são perguntas sobre os procedimentos, onde cada indivíduo interroga-se sobre os próprios posicionamentos. Têm-se compartilhamentos de ideias, com reflexões e produções de conhecimento com participantes ativos, ou seja, gente envolvida, engajada no processo.

No próximo item discutiremos a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Indissociabilidade

A extensão universitária é uma ação prevista pela legislação. No artigo 207 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, se estabelece que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa, de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



O Plano Nacional de Educação, Lei n. 10.172 de 09/01/2001, admite que a “Extensão Universitária deve destinar 10% do total de créditos exigidos para a graduação no ensino superior público à atuação dos alunos em ações extensionistas, para os cursos que assim o desejarem”.

Tendo contribuído para a menção da extensão universitária nessas leis e visando promover um consenso sobre tal atividade a fim de garantir seu desenvolvimento e financiamento no âmbito das instituições públicas de ensino superior, o Fórum de Pró-Reitores de Extensão Universitária das Universidades Públicas (FORPROEX) acrescenta que “sob o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”, esta última é entendida como “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 15).

A questão da indissociabilidade das funções acadêmicas aparece tanto em lei quanto na conceituação elaborada pela FORPROEX geralmente apresentadas nessa ordem: ensino – pesquisa – extensão. Aparentemente, essa ordem vem se mantendo com pouco incentivo às ações de extensão no interior das universidades, o que pode resultar em menos propostas de ações extensionistas por professores universitários.

A palavra ‘indissociabilidade’, em referência às práticas universitárias, tem a ver com uma inter-relação envolvendo a extensão, o ensino e a pesquisa visando favorecer uma “aproximação entre universidade e sociedade, a autorreflexão crítica, a emancipação teórica e prática dos estudantes e o significado social do trabalho acadêmico” (ANDES, 2003, p. 30).

Esta tríade contribui significativamente com a formação de professores quando se articulam vivências reais imersas “na própria realidade, fundada em uma relação dialética entre teoria e prática” (DIAS, 2009, p. 42). Contudo, nos projetos extensionistas analisados, percebemos uma fragmentação, ou seja, uma extensão ora articulando ensino ora pesquisa. Ressaltamos que a concepção de indissociabilidade não permite uma

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



separação entre extensão, ensino e pesquisa, contudo apresenta-se desta forma, no presente texto, porque as análises dos trabalhos apontaram ações extensionistas relacionando-se exclusivamente ou com o ensino, ou com a pesquisa e, em um número reduzido, ocorria a tríade extensão-ensino-pesquisa. Além disso, notamos ações ditas extensionistas que não apresentavam elementos caracterizadores de uma ação de extensão universitária.

Percebemos um número pequeno dos trabalhos analisados desenvolvendo uma proposta indissociável por meio da tríade extensão, ensino e pesquisa. Foi identificada uma maior articulação, com um pouco mais da metade dos trabalhos, envolvendo a extensão e o ensino e, aproximadamente um terço, relacionando a extensão e a pesquisa. Isto pode ser um prejuízo para o fazer acadêmico porque, de acordo com Moita e Andrade (2009), articular ensino e extensão implica numa formação preocupada com demandas da sociedade, porém necessita da pesquisa para produzir conhecimento científico. A inter-relação entre extensão e pesquisa deixa de lado a dimensão formativa da universidade. Embora não tenhamos olhado, nas ações extensionistas estudadas, uma articulação apenas entre ensino e pesquisa cabe ressaltar que a mesma pode favorecer o desenvolvimento científico, contudo com o risco de se perder compreensões éticas, políticas e sociais derivadas de contribuições de outros setores da sociedade, potencializadas pela extensão universitária.

Uma postura acadêmica de valorizar a extensão, o ensino e a pesquisa, possibilita a produção do conhecimento pluriversitário, defendido por Sousa Santos (2011). Por meio dela estabelece-se um diálogo com a sociedade, supera-se a unilateralidade da universidade, que assim se entende como difusora de conhecimentos, e viabiliza-se a interatividade de conhecimentos em uma perspectiva colaborativa.

Tais relações podem ser compartilhadas, e refletidas criticamente, se houver abertura dos professores neste sentido. Amplia-se, desta forma, os limites da sala de aula incorporando a ela outros espaços passíveis para a aprendizagem e (re)construção do “processo histórico-social em suas múltiplas determinações e facetas. O eixo pedagógico

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



clássico ‘estudante-professor’ é substituído pelo eixo ‘estudante-professor-comunidade’ (FORPROEX, 2009, p. 18).

Esta ampliação dos limites da sala de aula implica numa postura de indissociabilidade entre as práticas acadêmicas, pois não deveria haver “pesquisa, nem extensão universitária que não desemboquem no ensino” (MOITA; ANDRADE, 2009, p. 272). Nessa perspectiva o graduando se torna um sujeito ativo em seu processo de aprendizagem. Por meio da extensão, dialoga e reflete com outros atores, internos e/ou externos à universidade, sobre possíveis problemas de estudo. Com a pesquisa produz conhecimento através da abordagem científica e nas atividades de ensino, da grade curricular, reflete sobre os problemas estudados a partir da teoria discutida. Entendemos a participação em uma ação extensionista com estas características como um impacto positivo na formação dos alunos.

Impacto na formação do estudante

O impacto da extensão na formação do estudante, segundo a PNExt (FORPROEX, 2012), está diretamente relacionado com a ampliação do universo de referência e com um contato direto, do mesmo, com questões contemporâneas. Segundo este documento da política de extensão, a participação dos estudantes em ações extensionistas precisa estar apoiada em iniciativas viabilizadas por uma flexibilização curricular e pela integralização de créditos logrados nas ações de extensão.

É possível entender a participação de graduandos em práticas extensionistas como uma maneira para se contribuir com o desenvolvimento de conhecimentos, de atitudes respeitadas frente aos saberes do outro, acadêmicos ou não, e de um compromisso com questões sociais. A formação destes conhecimentos e destas atitudes é viabilizada, segundo Nogueira (2000), quando estudantes universitários se organizam junto com professores, numa interação permeada pelo compartilhamento de conhecimentos, promovendo a

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



democratização, a socialização e a elaboração do saber acadêmico com a participação de diversos atores sociais.

Decorrente disto, a contribuição da extensão na formação inicial se dá a partir das vivências experimentadas nas interações com pessoas da comunidade, com professores universitários, com profissionais, ou graduandos, de outras áreas de formação. Ela se potencializa por meio de um envolvimento interessado na compreensão e na elaboração de possibilidades de enfrentamento para um problema ou objeto de estudo. Dificilmente, a riqueza de interações, com diferentes atores, e o enfrentamento de problemas, oriundos de situações práticas, ocorreria, unicamente, no desenvolvimento da grade curricular. Como salienta Rocha (2007) “isso só vem reforçar a ideia de que não saímos do curso sabendo o que encontraremos na prática da nossa profissão” (p. 17).

O enfrentamento de problemas reais, viabilizados pela prática extensionista, implicaria num entendimento de corresponsabilidade para a criação de um mundo menos injusto. Por meio deste tipo de experiências práticas, o sujeito acadêmico vai se compreendendo capaz de refletir sobre si e sobre a própria atividade que realiza. Tornando-se, como salienta Freire (2006), capaz

de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua, ou pior, astutamente neutra de quem estuda, seja o físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo com os outros de forma neutra. [...] Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós é nós dele (FREIRE, 2006, p. 77).

A participação em ações de extensão universitária, durante o curso de graduação, permite este contato, favorecendo esta percepção compromissada com o mundo do qual fazemos parte todos nós. Particularmente em relação à formação inicial de professores, a

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



ausência de experiências, vivenciadas por meio de situações práticas, dificultaria, conforme salienta Imbernón (2006), uma análise mais abrangente de situações educativas reais porque se limitaria a simulações das mesmas. No extremo, poderia resultar em uma demasiada valorização da técnica, em detrimento de um diálogo horizontal, com compartilhamento de ideias. A alienação da técnica, como adverte Freire (2001), tem a ver com o entendimento pelo profissional como se fosse um técnico, um especialista, dono da verdade, detentor do saber e, por este motivo, capaz de levar seu conhecimento, doá-lo como forma de salvação dos demais, ignorantes, incapazes.

Tratando da formação docente, num mundo de incertezas, e na mesma direção de Freire (2001), Imbernón (2006) considera que a profissão docente contém, para além de um conhecimento pedagógico específico, também um compromisso ético e moral. Para ele, ela comporta uma necessidade, e uma responsabilidade, de compartilhar com diferentes agentes sociais, porque “exerce influência sobre outros seres humanos e, portanto, não pode nem deve ser uma profissão meramente técnica de ‘especialistas infalíveis’ que transmitem unicamente conhecimentos acadêmicos” (p. 30).

A fim de identificar aspectos que contribuem com a formação do estudante como sujeito de produção do próprio conhecimento, analisamos nos projetos selecionados neste trabalho, a participação do estudante. Com isto, percebemos as responsabilidades atribuídas aos acadêmicos ora de receptores e transmissores de informações, ora como produtores de conhecimento.

Participar de ações extensionistas possibilita aos graduandos uma formação voltada à cidadania porque possibilitam reflexões sobre relações éticas, políticas, econômicas e sociais para uma compreensão da realidade a partir da perspectiva de diferentes atores. Atividades nesta direção estão em consonância com o artigo segundo da LDBEN (Lei 9.394/1996) ao entender a finalidade da educação como “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Uma formação cidadã permite reflexões sobre uma sociedade com mais equidade. Possibilita a elaboração de compreensão da cidadania com consciência não somente dos deveres, mas também dos direitos a serem democraticamente constituídos pelo estabelecimento de direitos: civis, como segurança e locomoção; sociais, como trabalho, salário justo, saúde, educação, habitação dentre outros; políticos, como liberdade de expressão, de voto, de participação em partidos políticos e sindicatos dentre outros (GADOTTI, 2005).

Também é importante salientar que ao se valorizar as ideias do graduando, ouvindo-as atentamente, possibilitando que o mesmo dialogue com outros atores, tome decisões, indique possíveis rumos na ação desenvolvida dentre outros, viabiliza-se a formação de um profissional engajado, sujeito de sua formação. E, com as contribuições da extensão universitária, pode se tornar um profissional comprometido com a diminuição de problemas sociais.

2. Considerações

A análise dos 94 projetos de extensão na área de educação da UEG do ano de 2014 evidencia uma perspectiva de ação extensionista voltada basicamente no âmbito da divulgação de conhecimentos via cursos, palestras, oficinas dentre outros, havendo poucas ações que tenham a intencionalidade do estabelecimento de uma interação dialógica com diferentes setores da sociedade. A interdisciplinaridade aparece em pouco mais de um quarto dos trabalhos analisados. A indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa também se mostrou insipiente, sendo necessário repensar esta forma de atuação. Quanto ao impacto à formação, entendemos que muitas ações realizadas privilegiavam treinamentos de graduandos para repassarem conteúdos por meio de cursos.

A extensão universitária, na Universidade Estadual de Goiás, é muito rica com ações bem diversificadas na área da educação, possibilitando trabalhos com profissionais, alunos e pais da educação básica. Trabalhando o desenvolvimento da cidadania, desde a educação infantil até a educação de jovens e adultos. Sendo assim, entendemos a

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



necessidade de um amadurecimento em relação aos elementos componentes dessa ação acadêmica orientados pela Política Nacional de Extensão. É preciso que os trabalhos em sua totalidade, não somente parte das ações como apresentamos neste estudo, valorizem a interação dialógica entre universidade e outros setores da comunidade, a interdisciplinaridade e a indissociabilidade para garantir um impacto mais positivo na formação de futuros professores.

3. Referências

ANDES-SN para a Universidade Brasileira. n.º 2, 3ª ed. atual. e rev. Brasília/DF, 2003. Disponível em: <http://www.adurrj.org.br/4poli/documentos/caderno2_andes.pdf>. Acesso em <14 de janeiro de 2016>.

DIAS, R. E. Ciclo de políticas curriculares na formação de professores no Brasil (1996-2006). Tese de doutorado em Educação. Rio de Janeiro: UERJ, 2009.

FAZENDA, I. C. A. Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia? 3. ed. São Paulo: Loyola, 1993.

FORPROEX (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras). Plano Nacional de Extensão Universitária: 2012. Disponível em <<http://www.proec.ufpr.br/downloads/extensao/2012/legislacao/Politica%20Nacional%20de%20Extensao%20Universitaria%20maio2012.pdf>> Acesso em <13 de janeiro de 2016>.

FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. Extensão ou Comunicação? São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 34. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GADOTTI, M. A Questão da Educação Fomal/Não-Formal. São Paulo, 2005. Disponível em <http://www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Artigos/Portugues/Educacao_Popular_e_EJA/Educacao_formal_não_formal_2005.pdf>. Acesso em <20 de novembro de 2015>.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



IMBERNÓN, F. Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2006.

JEZINE, E. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária In: Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Minas Gerais: UFMG, 2004. Disponível em <<http://www.ufmg.br/congrest/Gestao/Gestao12.pdf>> Acesso em <15 de outubro de 2015>.

MENEZES, A. L. T. Extensão: por uma percepção de um conhecimento biocêntrico In: Revista Dia Logos, Revista de Extensão da Universidade Católica de Brasília, n. 14, Construção Conceitual de Extensão e outras reflexões significativas, 2010.

MOITA, F.M.G.S; ANDRADE, F.C.B. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: o caso do estágio de docência na pós-graduação, 2005. Disponível em <<http://www.uepg.br/olhardeprofessor>>. Acesso em <13 de janeiro de 2016>.

NOGUEIRA, M. D. P. (Org.). Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2000.

ROCHA, L. A. C. Projetos Interdisciplinares de Extensão Universitária: ações transformadoras, [Dissertação de Mestrado] Mogi das Cruzes: UBC, 2007. 84 f.

RODRIGUES, R. *A extensão universitária como uma práxis*. Extensão, v. 5, p. 84-88, 2006. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20340/10820>> acesso em 25 de maio de 2011.

SOUSA SANTOS, B. A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2011.

RODRIGUES, M. M. Universidade, extensão e mudanças sociais. Em Extensão, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 41-51, jan./jun. 1999.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

TAVARES, C. A. R.; FREITAS, K. S. Formação dos Profissionais da Educação Básica: as contribuições da extensão universitária. UNEB, 2013.

VASCONCELOS, E. M. Complexidade e pesquisa interdisciplinar – epistemologia e metodologia operativa. 2.ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2002.

WEFFORT, F. C. *Educação e Política: Reflexões Sociológicas sobre uma Pedagogia de Liberdade*. In P. Freire (Org.), *Educação como Prática de Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1-26, 2011.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

